

nuvem de flechas cortando o céu

nu-sol

Embates múltiplos, muitos! A seleta de flechas dessa edição de *verve dobras* explicita combates travados pelo Nu-Sol no semestre que passou. A criação da “Comissão da Verdade”, e sua utilização como negócio político, foram analisadas por uma perspectiva libertária interessada em afastar-se do ímpeto da denúncia sedenta por julgamentos. Os curtos textos escancararam a continuidade insuportável das torturas e violências do Estado em plena democracia, evidenciando que polícia, prisão e tortura, para além de configurarem um casamento indissociável na ditadura civil-militar, seguem moendo gente pelos quatro cantos do Brasil. Presença contínua das violências que suscita resistências em outros países que passaram por ditaduras civil-militares, como indica a emergência recente dos *escraches* argentinos e das *funas* no Chile, práticas inventadas por certos jovens visando publicizar os endereços e serviços nos quais sobrevivem os serviçais das ditaduras. A seleção de flechas traz, também, as agitações provocadas pelas ações das *pussy riots* corajosas jovens que ousaram cantar “Morte à prisão”. A seleta dessas flechas é um convite à leitura de *flecheira libertária*, anotações sobre

coisas, pessoas e o planeta que o Nu-Sol publica todas as terças-feiras em seu site. Toda semana, flechas que no ar contra o que é intolerável para amantes da liberdade: o Estado, o governo, a prisão. Toda semana no ar, as flechas: armas de muitos povos livres e guerreiros.

seleta de flechas

para mães e filhos

Nos anos 1970 e início dos 1980, o governo argentino roubou as crianças filhas de militantes que resistiam à ditadura. Em entrevista concedida essa semana, o ditador Jorge Videla justificou tal roubo como uma “solução humanitária”. No Brasil, muitas mulheres foram sistematicamente violentadas ainda grávidas por homens abjetos como Coronel Ustra, Delegado Calandra, entre outros canalhas. Algumas, torturadas diante de seus próprios filhos. Todavia, se na Argentina as ações de *escraches* organizadas pelos filhos dos “desaparecidos” expuseram homens desprezíveis como Jorge Magnaco, responsável pelos partos no interior da *Escola de Mecânica da Armada*, e que perdeu o emprego e a casa em que morava depois de terem sido revelados os serviços que prestara a ditadura, no Brasil, a maior parte da população desconhece quem torturou em nome da segurança e do Estado. É preciso, assim como ocorreu pelas ruas de Buenos Aires, expor por aqui o endereço e em que estão empregados hoje estes homens co-

varões que dedicaram suas vidas a derramar o sangue de mães, filhos, irmãos e amigos destemidos.

[n. 248. 15 de maio de 2012.]

das infindáveis lutas na américa do sul

No Teatro Caupolicán, localizado no centro de Santiago, capital do Chile, centenas de pessoas enfrentaram a polícia e escracharam uma homenagem dedicada ao ditador Augusto Pinochet. A corajosa ação explícita que mesmo após a emergência das *funas*, protestos que irromperam na década passada e escancaram o endereço e as ocupações de torturadores e colaboradores da ditadura civil-militar chilena, ainda restam inúmeros embates a serem travados no presente contra o ranço dos covardes saudosistas do governo que silenciou, prendeu, torturou e matou milhares de existências. Em Santiago, Buenos Aires, São Paulo, Recife, é vital arruinar estas festas que celebram o abominável dos dias na história recente da América do Sul.

[n. 252. 12 de junho de 2012.]

contra o sigilo que acoberta covardes

Hoje, em pleno governo democrático, a Comissão da Verdade quer manter sigilosos os nomes daqueles que participaram da carnificina de tantos. Assim como, em sigilo, um tanto de outros corpos permanecem sob tortura em salas, celas e porões de delegacias e presídios. Sem contar os silêncios sobre corpos de crianças e jovens em suas casas, escolas, etc.. Para fora dos muros e das janelas, essas dores se perdem na algaravia de um dia ensolarado, escondendo o horror explícito no corpo de cada um. Expor os

nomes, depoimentos e as histórias que aconteceram sob o consentimento mudo de muitos, significa não compactuar com carnífcies de qualquer tempo.

[n. 256. 10 de julho de 2012.]

morte à prisão, free pussy riot

Na última sexta-feira, três integrantes do grupo punk feminista Pussy Riot foram sentenciadas a dois anos de prisão. As garotas foram condenadas por terem entrado com suas balaclavas coloridas e guitarras na Catedral do Cristo Salvador, em Moscou, tocando a “Reza-punk: Virgem Maria, ponha o Putin para fora”. Elas estavam presas, aguardando a decisão judicial, desde o final de fevereiro. Protestos e manifestações de grupos a favor dos direitos humanos, feministas e pop stars vêm acontecendo desde então, cada vez com maior intensidade, em todos os cantos do planeta. Defendem anistia às “presas políticas” frente ao que apontam, estrategicamente, ser um “processo tipo stalinista”, quando, na realidade é uma democracia. Em uma de suas intervenções, anterior à da emblemática Catedral, sob os muros vizinhos a uma prisão russa, as pussy riots tocaram: “Morte à prisão!”. Em uma ditadura ou em uma democracia, grupos a favor dos direitos humanos, feministas e pop stars, entre outros, defendem a permanência das prisões. Para além de “free pussy riot” é preciso “liberty” e, como as próprias garotas já gritaram, matar a prisão!

[n. 262. 21 de agosto de 2012.]